

Sábado, 25 de Outubro de 1958

RUBEM BRAGA

SURSUM CORDA

ESPERAMOS que o nosso querido presidente Moses recupere logo sua saúde para lhe fazer uma sugestão: promover a Operação Sursum Corda para acabar com certas briguinhas da imprensa. Em tôda parte do mundo em que há imprensa livre há polémicas, fuxicos, implicâncias; mas aqui a coisa está em um pé francamente ridículo pelo miúdo carácter personalista que assume. Não apenas os cronistas se engalfinham com verbos e se unham com adjetivos, como alguns dêles passam do jornalismo à fofocagem, vigiando os amores alheios e fazendo mexericos. Ainda há pouco tivemos um caso de ataque mais subjetivo que objetivo: o que houve foi antes de tudo um ataque histórico do autor, talvez menos culpado, por isso, que o diretor-secretário leviano que, a frio, baixou a matéria.

Uma intervenção paternal de Moses nos pouparia muitos ridículos diante do público e nos levaria todos a respeitar com mais atenção e humildade um código de ética e sobretudo de bom gosto que não está escrito, mas que existe na consciência e na sensibilidade dos homens do ofício.

Resta-nos um grande consôlo: o grande fofoca de 1958, o Prêmio Nobel da Fofoca, não é brasileiro, mas italiano, êsse incrível dr. Galeazzi-Lisi, médico e monstro do Papa, se o Jobim me deixa aproveitar seu dito. Aquela fotografia de Pio XII agonizando é mesmo obra de um monstro de mau gosto, de sadismo. O dr. Galeazzi, tenha recebido ou não dinheiro pela sua inconfidência, nos deixa perplexo como figura humana; é difícil saber se êle é um inconsciente ou um clínico. Digo isso pelo tom suave de seu diário em que, a todo momento, demonstra carinho pelo venerando cliente.

Mas de tudo isso pode resultar algo capaz de alegrar corações católicos: uma conversão. Nunca vi Joel Silveira tão comovido como ao ler em «Il Tempo» o trecho do diário em que o dr. Galeazzi conta que, 12 horas antes de morrer, Pio XII quis ouvir música. Perguntaram-lhe o que desejava ouvir, e êle, num sópro, disse: a Primeira de Beethoven...

Ora, é exatamente essa a paixão de Joel, que sabe a sinfonia de cor e chega a comprar gravações para dar aos amigos e introduzi-los no seu culto. «Agora tenho certeza de que vou para o céu!» — exclamou êle.

Ponderei que Mário Cabral, que sabe e sente muito as coisas, disse que deseja morrer ao som da Paixão Segundo São Mateus, de Bach. Joel falou irritado «dessa mania de Bach», embora reconhecendo que o próprio Beethoven tinha essa mania. Mas quem sabe morrer não é o sr. Mário Cabral, é o Papa!